

# CONTAR E “CONTAR” HISTÓRIAS, ATO DE FORMAR LEITORES

**Denise Escobar de Sousa<sup>1</sup>, Silvana Maria dos Santos Caxias<sup>2</sup>, Anézio Cláudio Bernardes<sup>3</sup>.**

<sup>1</sup>Universidade do Vale do Paraíba/Instituto Superior de Educação, Rua Tertuliano Delphin Filho, 181, Campus Aquarius, Cep 12246-140, São José dos Campos/SP, e-mail: santoscaxias@ig.com.br

<sup>2</sup>Universidade do Vale do Paraíba/Instituto Superior de Educação, Rua Tertuliano Delphin Filho, 181, Campus Aquarius, Cep 12246-140, São José dos Campos/SP, e-mail: santoscaxias@ig.com.br

<sup>3</sup>Universidade do Vale do Paraíba/Instituto Superior de Educação, Rua Tertuliano Delphin Filho, 181, Campus Aquarius, Cep. 12246-140, São José dos Campos/SP, e-mail: [acb@univap.br](mailto:acb@univap.br)

**Resumo** - Este trabalho tem por objetivo verificar a importância e a influência do ato de contar histórias na vida das crianças, e questionar o porquê desse processo não ter continuidade quando as crianças chegam às séries iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que na Educação Infantil as crianças vivenciam atividades de conto e reconto de histórias com frequência. O gosto pela leitura facilita a aquisição da língua escrita e o desempenho das crianças em todas as disciplinas. A criança precisa participar desse universo mágico, repleto de fantasias e emoções, para ter prazer em ler. Uma sociedade que se diz moderna e contemporânea, e que cobra do cidadão que ele seja criativo, inovador e habilidoso, ainda não percebeu a falta que lhe está fazendo a leitura, e como o ato de ler deve ser criado, para que não se “roube” das crianças um dos momentos mais prazerosos, que é o de ouvir histórias. A sociedade, os professores e os pais ainda não perceberam que contar histórias desenvolve a criatividade e aguça a curiosidade infantil, para a criança se apaixonar pelos livros, ter perspectivas de vida, sonhar e ser feliz.

**Palavras-chave:** Escrita, história, leitura, prazer, criança.

**Área do Conhecimento:** Literatura Infantil.

## Introdução

Há uma ruptura no processo de ensino e aprendizagem, da Educação Infantil aos anos iniciais do Ensino Fundamental, no que se refere ao trabalho de narrar histórias.

Dessa forma, se houvesse uma continuidade em relação a esse escopo, nesse processo, a criança poderia vivenciar o período de alfabetização de uma forma lúdica e prazerosa, o que lhe possibilitaria se alfabetizar de um modo contextualizado, e, concomitantemente, desenvolver a sua criticidade, acuracidade e autonomia.

Os procedimentos metodológicos e a coleta de dados ocorreram a partir de pesquisas bibliográficas; e de pesquisas de campo em unidades escolares das redes particular, municipal e estadual, nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

O embasamento teórico foi construído a partir dos pressupostos por Coelho, Vygotsky e Cury, dentre outros autores.

## Material e Métodos

Trabalho de Campo:

Desenvolvemos um questionário, composto por quatro questões objetivas, que foi proposto aos alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental, e,

também, analisamos as práticas de contos em três escolas: privada, municipal e estadual, em São José dos Campos – SP.

Em relação aos docentes, foram entrevistados professores do Ensino Fundamental, séries iniciais, sendo uma professora de cada série, nas Instituições Escolares da rede Particular, Municipal e Estadual. Doravante, respectivamente E1, E2, e E3, para facilitar o entendimento relativo à análise e à interpretação dos dados colhidos nas Unidades Escolares.

Analisando-se as respostas, no questionário proposto aos docentes, o qual objetivou verificar a forma como os professores abordam, em suas aulas, a literatura infantil, constatou-se:

Na questão um, “Você conta histórias para os seus alunos?”

Para os professores:

Na E1, das quatro professoras entrevistadas, nenhuma delas contam histórias todos os dias. Duas as contam, às sextas-feiras, como recreação.

Já, na E2, das quatro professoras entrevistadas, três contam histórias duas vezes por semana, as demais não contam, porque têm um vasto conteúdo a cumprir.

Na E3, das quatro professoras entrevistadas, nenhuma delas conta histórias, uma vez que os alunos não se interessam, por as acharem

“bobinhas”, e, também, “porque o livro didático já tem pequenas histórias”.

Desses relatos, podemos depreender que não são histórias, são pequenos textos, descontextualizados da realidade discente.

A pesquisa discente foi realizada tendo por sujeitos dez crianças de cada série do Ensino Fundamental, séries iniciais, totalizando quarenta e cinco crianças de cada escola, instituições que continuarão a ser citadas por E1, E2, E3.

As crianças foram agrupadas de acordo com a procedência da instituição:

O grupo de crianças da E1 surpreendeu-nos, uma vez que noventa por cento das crianças gostam e sentem falta das histórias que lhe foram contadas na Educação Infantil.

Essas crianças relataram que a história lhes proporciona “viajar no mundo da imaginação”. Todas afirmaram que conhecem mais de cinco histórias da Literatura Infantil, mas do tempo em que freqüentavam a Educação Infantil.

Houve unanimidade no relato desse grupo no que se refere a desejar que suas aulas se iniciassem por uma história.

Já, na E2, oitenta e cinco por cento das crianças gostam de ouvir histórias; conhecem mais de cinco histórias infantis; e gostariam muito de que as suas aulas fossem iniciadas por esse gênero literário.

Uma das crianças - com oito anos de idade - destacou o quanto é importante ler, e que tudo se resolve por meio de um livro, quer seja para uma pesquisa, para colher informações, e, muitas vezes, para tirar dúvidas sobre alguns conhecimentos.

Na E3, noventa e cinco por cento das crianças entrevistadas gostariam de que a sua professora contasse mais histórias. Um, porque acham lindos os livros infantis coloridos; outras, porque já sabem, pelos pais ou pela televisão, o quanto é importante ler. No entanto, foi surpreendente o que se constatou nesse grupo: nem todas as crianças conhecem, sequer, uma história infantil. Todas gostariam que a sua professora começasse as suas aulas por intermédio de uma história infantil.

Nesse contexto, é importante lembrar que as crianças da Escola Estadual não conhecem um número maior de histórias por não terem passado pela Educação Infantil.

## **Resultado**

Objetivou-se, nesta pesquisa, verificar, nas séries iniciais do ensino fundamental, a importância da Literatura Infantil e do ato de contar histórias nesse segmento educacional, uma vez que na Educação Infantil é dada relevante

importância tanto à Literatura Infantil quanto ao ato de contar histórias às crianças.

Partindo da premissa de que a melhor herança que a escola deixa para os seus alunos é a capacidade e o hábito de ler e de gostar de livros, de saber “saborear” uma boa literatura, este trabalho que teve, também, como meta entender o porquê da ruptura que ocorre em relação à Literatura Infantil, constatou que muitos dos alunos das séries iniciais não ouvem mais histórias, e que muito deles não têm acesso a obras de Literatura Infantil em suas residências, nem em suas escolas.

## **Discussão**

Sabendo que a criança precisa participar de um universo mágico, repleto de fantasias e emoções, para ter prazer em ler, para desenvolver as suas estratégias de leitura, para construir o seu hábito de ler, delimitamos o nosso tema em relação ao ato de contar ou “CONTAR” histórias.

Embora a realidade que se nos apresentou tenha sido preocupante, no que se refere ao segmento educacional pesquisado, o ato de contar história, como se trata de uma prática docente proficientemente realizada na Educação Infantil, cremos que, se conscientizados, os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental incluiriam as histórias infantis no processo de ensino e aprendizagem para desenvolverem o gosto e o hábito de leituras discentes.

## **Conclusão**

Objetivou-se, neste trabalho, verificar se havia ruptura em relação à Literatura Infantil e o ato de CONTAR histórias na passagem da criança da Educação Infantil às séries iniciais do Ensino Fundamental.

Sabendo que a melhor herança que a escola pode deixar a seus alunos é a capacidade de ler e, acima de tudo, a de gostar de ler, de saber “saborear” uma boa história, propusemo-nos, neste trabalho, se, de fato, havia uma ruptura em relação ao ato de contar histórias às crianças e a entender o porquê dessa ruptura que ocorre com a Literatura Infantil, uma vez que os alunos das séries iniciais, na maioria das vezes, não ouvem mais histórias e, também, não manuseiam, durante as suas aulas, livros que contenham obras infantis completas.

Comparando os dados colhidos junto aos alunos com os coletados nos relatos discentes, pôde-se constatar que há discrepâncias entre os relatos docentes e discentes, uma vez que todas as crianças, segundo suas afirmações, “gostariam que as suas professoras comessem as suas aulas por intermédio de uma história infantil”; Em

contrapartida, alguns dos docentes das unidades escolares afirmaram, categoricamente, que “os alunos não se interessam, uma vez que acham esse gênero bobinho”, e que, além disso, “o livro didático já tem pequenas histórias”.

Sonega-se, abdica-se, dessa forma, do gostoso momento de contar e de ouvir histórias e dá-se a voz e a docência aos autores dos livros didáticos.

## Referências

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. 5 ed. São Paulo: Scipione, 1997.

CAMPEDELLI, xxxxxx e SOUZA, xxxxxx. *Literatura e produção de textos*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2004.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de, *A literatura Infantil: visão histórica e crítica*. 4 ed. São Paulo, 1985.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.

CURY, Augusto Jorge. *Pais Brilhantes Professores Fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2002.

TEBEROSKY, Ana. *Psicopedagogia da linguagem escrita*. Petrópolis: Vozes, 2001.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 10 ed. São Paulo: Global, 1998.